

A SANTIDADE DE CRISTO • JERRY BRIDGES

Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus (2 Coríntios 5:21).

Antes de falar mais sobre a santidade em nós mesmos, é bom que também consideremos a santidade de Cristo. Precisamos dela para, antes de tudo, estarmos firmemente estabelecidos em nossa segurança em Cristo. Conforme estudarmos mais detalhadamente as implicações das palavras “Sejam santos, porque eu sou santo”, enxergaremos melhor o nosso próprio pecado. Perceberemos a perversidade e o engano dos nossos corações, e o quanto não correspondemos ao padrão da santidade perfeita de Deus. Quando isto acontece, o verdadeiro cristão corre para refugiar-se em Cristo. Portanto, é importante que compreendamos a justiça de Deus, e o fato de que a Sua justiça é conferida a nós.

Em inúmeras ocasiões as Escrituras testificam que Jesus, durante o Seu tempo na terra, viveu uma vida perfeitamente santa. Ele é descrito como “sem pecado” (Hebreus 4:15); como Aquele que “não cometeu pecado algum” (1 Pedro 2:22); e como “aquele que não tinha pecado” (2 Coríntios 5:21). O apóstolo João declarou, “nele não há pecado” (1 João 3:5). O Antigo Testamento o descreve profeticamente como “meu servo justo” (Isaías 53:11), e que “amas a justiça e odeias a iniquidade” (Salmo 45:7). Estas declarações, feitas por seis diferentes autores das Escrituras, demonstram que a vida sem pecado de Jesus Cristo é o ensinamento universal da Bíblia.

No entanto, ainda mais convincente é o próprio testemunho de Jesus a respeito de si mesmo. Em uma ocasião Ele olhou os fariseus diretamente nos olhos e perguntou, “Qual de vocês pode me acusar de algum pecado?” (João 8:46). Conforme observou alguém, não foi a incapacidade deles de responder a pergunta de Jesus que fora tão significativa, mas o fato de Ele ter ousado fazer esta pergunta. Ali estava Jesus em confronto direto com pessoas que o odiavam. Ele havia acabado de dizer-lhes que elas pertenciam ao Diabo, o pai delas, e que queriam realizar o desejo dele. Certamente, se alguém tivesse alguma razão para acusá-lo de alguma ação imprópria ou alguma falha em Seu caráter, o faria. Além disso, Jesus fez esta pergunta na presença de Seus discípulos, que conviviam com Ele continuamente, e tinham muitas oportunidades para observar qualquer inconsistência. No entanto, Jesus ousou fazer a pergunta porque Ele sabia que havia somente uma resposta a ela. Ele não tinha pecado.

Mas a santidade de Jesus significava mais do que simplesmente a ausência de pecado. Significava também uma perfeita conformidade à vontade do Seu Pai. Ele declarou ter descido dos céus “não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou” (João 6:38). Em uma outra ocasião, Ele disse, “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra” (João 4:34). Talvez o Seu maior testemunho sobre a sua santidade irrefutável foi, “pois sempre faço o que lhe agrada” (João 8:29).

Tal declaração positiva deve incluir não somente as Suas ações, mas também as Suas atitudes e razões. É possível realizar a ação certa, a partir de uma razão errada, mas isto não agrada a Deus. A santidade significa muito mais do que meras ações. Os nossos motivos devem ser santos, isso é, devem surgir de um desejo de fazer algo simplesmente por ser a vontade de Deus. Os nossos pensamentos devem ser santos, visto que eles são conhecidos por Deus, até mesmo antes de serem formados em nossas mentes. Jesus Cristo satisfaz estes padrões perfeitamente, e Ele fez isto por nós. Ele nasceu no mundo debaixo da Lei de Deus, a fim de cumpri-la por nós (Gálatas 4:4-5).

Sempre que contemplamos seriamente a santidade de Deus, a nossa reação natural é dizer como Isaías, “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros; os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (Isaías 6:5).

Um exame sério da santidade de Deus—a Sua própria perfeição moral e abominação infinita pelo pecado—nos deixará como deixou Isaías, vendo com total consternação a nossa própria falta de santidade. A Sua pureza moral serve para ampliar a nossa própria impureza.

Portanto, é importante que recebamos a mesma garantia que Isaías: “Veja... a sua culpa será removida” (Isaías 6:7). Não é somente no momento inicial da nossa salvação que precisamos desta confiança. Na verdade, quanto mais crescemos em santidade, mais precisamos da garantia de que a perfeita justiça de Jesus Cristo é conferida a nós. Isto é verdade porque uma parte do crescimento em santidade significa o Espírito Santo tornando-nos ciente da nossa necessidade de santidade. Conforme enxergamos esta necessidade, nos fará bem sempre manter em mente a justiça de Jesus Cristo por nós, e o fato de que “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21).

A verdade sobre a aceitação de Deus a nós, por meio da justiça de Cristo, pode parecer tão elementar, que você se perguntará por que isto está sendo aqui enfatizado. É porque precisamos meditar sobre isto, a fim de frustrar os ataques de Satanás. O Espírito Santo nos torna mais cientes da nossa falta de santidade, para nos estimular a um mais profundo anseio e busca da santidade. Mas Satanás tentará usar a obra do Espírito Santo para nos desencorajar.

Um dos ataques de Satanás é tentar convencê-lo de que você não é um cristão genuíno. Ele dirá algo do tipo, “Um verdadeiro cristão não pensaria nas coisas más que você hoje está pensando.” Ora, pode ser que, seis meses atrás, Satanás não teria vindo a você e sugerido tal coisa, pois você não estava perturbado com seus pensamentos. Mas agora que o Espírito Santo começou a revelar quão pecaminoso realmente são os seus pensamentos de lascívia, ressentimento e orgulho, você pode estar começando a ter dúvidas sobre a sua salvação.

Vários anos atrás, Deus permitiu que eu atravessasse algumas profundas lutas interiores, para ensinar-me algo sobre o pecado do meu coração. Durante este período, eu liderava um estudo bíblico semanal em uma base militar, acerca de uma hora de carro de onde eu residia. Todas as noites de segunda-feira em que eu deixava a comunhão daquele estudo bíblico, e começava a minha solitária viagem de carro para casa, Satanás começava a me atacar: “Como alguém que tem as suas lutas pode ser cristão?”, Ele perguntava. Eu comecei a lutar contra ele, recorrendo-me a um antigo hino gospel que começava assim,

“Do modo como estou, sem desculpas,
mas por esse Teu sangue que foi derramado por mim,
E essa Tua súplica para que eu venha a Ti;
Oh, Cordeiro de Deus, eu venho a Ti.”

Eu cantava todo aquele hino e quando terminava, louvava a Deus pela Sua salvação, dada livremente a mim por intermédio de Jesus.

Você também, se diligentemente buscar a santidade, deve freqüentemente fugir para a Rocha da sua salvação. Você foge para lá, não para ser salvo novamente, mas para confirmar no seu coração que é salvo por intermédio da Sua justiça somente. Você começa a identificar-se com Paulo quando ele diz: “Esta afirmação é fiel e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior” (1 Timóteo 1:15). É neste momento que a vida pura de Cristo, para o seu bem, torna-se importante para você.

Uma segunda razão pela qual devemos considerar a santidade de Cristo é porque a Sua vida é um exemplo de santidade para nós. Pedro nos disse que Cristo deixou-nos exemplo, para que sigamos os Seus passos (1 Pedro 2:21). Pedro falou especificamente sobre o sofrimento de Cristo sem retaliação, mas no versículo seguinte ele disse também que Cristo não cometeu pecado algum. Paulo nos incitou a ser imitadores de Deus (Efésios 5:1), e também disse, “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1 Coríntios 11:1).

Então, está claro que a vida sem pecado e santa de Jesus Cristo deseja ser um exemplo para nós. Considere então Sua declaração: “Pois sempre faço o que lhe agrada.” Temos coragem de tomar isso como um objetivo pessoal de vida? Estamos verdadeiramente dispostos a examinar minuciosamente todas as nossas atividades, todos os nossos objetivos e planos, e todas as nossas ações impulsivas à luz desta declaração: “Eu estou fazendo isto para agradá-lo?”

Se fizermos esta pergunta com sinceridade, começaremos a nos sentir envergonhados. Sabemos que fazemos algumas coisas, coisas por si próprias boas, para ganharmos admiração, ao invés de ser para render glórias a Deus. Fazemos outras coisas estritamente para o nosso próprio prazer, sem qualquer consideração pela glória de Deus.

Qual é a minha reação quando um brigão do bairro implica com meu filhinho? Normalmente a minha reação inicial provém de um espírito de retaliação, até que o Espírito Santo me faz lembrar o exemplo de Jesus. Como consideramos aqueles que não demonstram amor por nós? Nós os encaramos como pessoas por quem Jesus morreu, ou como pessoas que tornam as nossas vidas difíceis?

Eu me recordo de um desagradável encontro de negócios, com uma pessoa que mais tarde tornou-se cristão por intermédio do testemunho de uma outra pessoa. Quando eu soube disto, fiquei profundamente envergonhado ao refletir sobre o fato de que eu nunca, nenhuma vez sequer, pensara nele como sendo alguém por quem Cristo havia morrido, mas somente como alguém com

quem eu havia tido uma experiência desagradável. Precisamos aprender a seguir o exemplo de Cristo, que foi movido por compaixão pelos pecadores, e que pôde orar por eles, até quando o pregaram na cruz do Calvário.

Nas palavras do teólogo escocês do século dezenove, John Brown, “A santidade não consiste em especulações místicas, fervores entusiásticos ou austeridades sem ordenanças; ela consiste em pensar do modo como Deus pensa, e estar disposto a fazer a vontade de Deus, segundo o seu querer.” A santidade também não significa, como é muitas vezes pensado, aderir a uma lista de coisas “para fazer” e “para não fazer,” principalmente “para não fazer.” Quando Cristo veio ao mundo Ele disse: “Vim para fazer a tua vontade, ó Deus” (Hebreus 10:7). Isto é um exemplo que devemos seguir. Em todos os nossos pensamentos, todas as nossas ações, o princípio de regra que nos motiva e orienta deve ser o desejo de seguir a Cristo, em fazer a vontade do Pai. Este é o caminho que devemos seguir em busca da santidade.